

# CARTAS À IGREJA



# CARTAS À IGREJA



FRANCIS CHAN

Traduzido por Luciana Chagas



Copyright © 2018 por Francis Chan  
Publicado originalmente por David C. Cook, Colorado  
Springs, Colorado, EUA.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da  
*Nova Versão Transformadora (NVT)*, da Editora Mundo  
Cristão (usado com permissão da Tyndale House  
Publishers), salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei  
9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou  
parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos,  
mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia  
autorização, por escrito, da editora.

*CIP-Brasil. Catalogação na publicação*  
*Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ*

C43c

Chan, Francis  
Cartas à igreja / Francis Chan ; traduzido por Luciana  
Chagas. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2019.  
192 p.

Tradução de: Letters to the church  
ISBN 978-85-433-0384-0 (brochura)  
ISBN 978-85-433-0424-3 (capa dura)

1. Cristianismo. 2. Vida cristã. I. Chagas, Luciana.  
II. Título.

19-55664

CDD: 248.4  
CDU: 27-584

**Categoria:** Igreja  
1ª edição: maio de 2019

**Edição**  
Daniel Faria  
**Revisão**  
Natália Custódio  
**Produção e diagramação**  
Felipe Marques  
**Colaboração**  
Ana Paz

Publicado no Brasil com todos  
os direitos reservados por:  
Editora Mundo Cristão  
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69  
São Paulo, SP, Brasil  
CEP 04810-020  
Telefone: (11) 2127-4147  
[www.mundocristao.com.br](http://www.mundocristao.com.br)

# Sumário

<i>Agradecimentos</i>	7
1. A partida	9
2. O sagrado	28
3. A ordem	42
4. A turma	64
5. Servos	78
6. Bons pastores	93
7. Crucificado	114
8. Libertos	133
9. Voltando a ser igreja	149
<i>Epílogo: Sobrevivendo à arrogância</i>	175
<i>Notas</i>	189



# Agradecimentos

Muitas pessoas contribuíram para a elaboração deste livro, gente que me ajudou a batalhar por entre questões que envolveram teologia, lógica e gramática. Não há dúvida de que este foi um trabalho em equipe, como tem sido com a maioria das coisas em minha vida atualmente.

Obrigado sobretudo aos presbíteros da We Are Church, que oraram consistentemente por mim: Kevin Kim, Kevin Shedden, Justin Clark, Rob Zabala, Sean Brakey e Pira Tritasavit. Vocês serviram de modelo de intimidade com Cristo e, assim, me ajudaram a dar prioridade àquilo que é mais importante.

Obrigado em especial ao time de redação: Mark Beuving, que novamente me ajudou a editar e formular ideias; Kevin, Karmia e Jeanne, por ajudarem na organização do livro; Sean, por dedicar tempo a consolidar algumas das ideias; Liz, por me dar toda a liberdade, às vezes até mesmo se distanciando. Por último, mas não menos importante, obrigado a Mercy Chan, que no fim das contas acabou me salvando. Quem poderia imaginar que minha filha mais esquisita (brincadeirinha!) me ajudaria tanto?

Obrigado a todos os pastores da We Are Church por conduzir e amar as pessoas tão fielmente: Denys Maslov, Nate Connelly, Joe Pemberton, David Manison, Chaz Meyers, Paul Meyers, Brian Kusunoki, Aaron Robison, Peter Gordon, Marcus Hung, Jon Kurien, Angel Velarde, Marcus Bailey, David Schaeffer, Ryan Takasugi, Isaiah Pekary, Matt Shiraki, Al

Cortes, Kevin Lin, Brandon Miller, Felipe Anguiano e Kent McCormick.

Obrigado a Jim Elliston, que teve de elaborar duas capas diferentes em razão de eu ter mudado o título do livro.

Obrigado aos voluntários envolvidos com mídia e *marketing* digital e que despenderam muitas horas para ajudar neste projeto.

Obrigado à David C. Cook, por ser a casa editorial mais apoiadora e parceira com que alguém pode sonhar.

Obrigado a Paul Chan, por manter o escritório funcionando adequadamente de modo que eu estivesse livre para escrever.

Obrigado à minha esposa maravilhosa, Lisa, que nunca se queixou de eu andar tão ocupado nos últimos meses. E também a Ellie, Zeke, Claire e Silas, por se mostrarem filhos formidáveis e pacientes enquanto o papai escrevia.

# 1

## A partida

Imagine-se abandonado em uma ilha deserta acompanhado de nada mais que uma Bíblia. Você não tem nenhuma experiência com o cristianismo, e tudo o que vier a saber sobre a igreja resultará da leitura que fizer dessa Bíblia. Como você vislumbraria a dinâmica de uma igreja? Falo sério. Feche seus olhos por dois minutos e tente visualizar a ideia que construiria acerca da igreja.

Agora pense em sua atual experiência com a igreja. As coisas se parecem?

Você consegue lidar com essa constatação?

### Um pouco de contexto

Passaram-se nove anos desde que deixei a Cornerstone Church [Igreja Pedra Angular] em Simi Valley, na Califórnia, e as pessoas ainda me fazem a mesma pergunta: Por quê?

Por que você deixou uma igreja tão bem-sucedida? Por que deixou todas aquelas pessoas a quem amava?

Por que saiu do país quando parecia ser alguém cuja influência só aumentava? Suas crenças mudaram? Você ainda ama a igreja?

Você estabeleceu uma megaigreja, fundou uma faculdade, escreveu *best-sellers*, mantinha um *podcast* de grande audiência e, então, de repente deixou tudo isso e se mudou com a família para a Ásia. Não faz sentido!

Embora eu esteja ansioso para contar o que Deus vem me ensinando ultimamente, acho que será útil compartilhar o que ele me ensinou no passado. Espero esclarecer qualquer mal-entendido e falar um pouco sobre a razão de eu estar escrevendo este livro.

Em primeiro lugar, devo dizer que os anos em que estive em Simi Valley foram formidáveis. Eu literalmente sorrio enquanto escrevo isso. Passei mais de dezesseis anos como pastor da Cornerstone, portanto minha mente está repleta de memórias divertidas e muito significativas. Lembro-me do rosto de muitas pessoas, de amizades profundas, ocasiões espirituais e períodos de assombro diante do que Deus estava fazendo. Creio que passarei a eternidade com muitas pessoas que se apaixonaram por Jesus naquele tempo. Nada poderá invalidar o que houve ali.

### **Por que deixei minha megaigreja**

Em 1994, aos 26 anos, decidi plantar uma igreja. Não era algo que eu havia planejado. Afinal de contas, não fazia nem um mês que havia me casado. Lisa e eu vínhamos enfrentando um tempo difícil em nossa congregação. Houve uma discussão entre os presbíteros e o pastor principal, que acabou sendo dispensado. Os membros da igreja discordavam entre si quanto a quem havia errado mais: os presbíteros ou o pastor. Todos se sentiam desencorajados por tamanha divisão. Os domingos não eram nada revigorantes, e eu não conseguia compreender como aquilo poderia agradar a Deus. Foi naquela época que anunciei à minha esposa uma ideia maluca: e se começássemos uma igreja em nossa casa?

Ainda que houvesse apenas uma dúzia de pessoas em nossa

sala de estar, isso não seria melhor do que o que vínhamos passando? Lisa concordou, e assim teve início a Cornerstone Church em Simi Valley.

Eu estava determinado a criar algo diferente de tudo o que tinha vivenciado. Aquela era a minha chance de erguer justamente o tipo de igreja do qual gostaria de participar. Em síntese, eu tinha três objetivos em mente. Primeiro, queria que todos nós cantássemos diretamente para Deus. E digo “cantar” mesmo. Não estou falando de se deixar embalar por uma cantoria rotineira ou motivada por culpa. Você já integrou um grupo que canta diretamente para Deus, de coração? Já cantou com reverência e entusiasmo? Cantou como se Deus estivesse mesmo ouvindo sua voz? É uma experiência poderosa, e eu queria que essa fosse uma marca da nossa nova igreja.

Segundo, eu desejava que todos nós realmente ouvíssemos a Palavra de Deus. Não seríamos aquele tipo de gente que se reúne para escutar tolices em forma de autoajuda, nem deixaríamos metade da Bíblia de lado. Minha intenção era que investigássemos as Escrituras a fundo — até mesmo as passagens que contradizem nossa lógica e nossos anseios. Eu queria que a exposição da verdade divina fosse vigorosa e que a levássemos a sério. Então, comecei a pregar, semana após semana, examinando cada verso bíblico. Verdadeiramente nos dispusemos a ouvir tudo o que a Palavra de Deus estava nos dizendo.

E, por fim, eu almejava que todos vivêssemos em santidade. Já tinha visto muitas igrejas abarrotadas de cristãos que pareciam não ter nenhum interesse em fazer o que a Bíblia diz. Não conseguia me conformar com a trágica ironia disso tudo. Aquela gente retornava toda semana para ouvir sobre um Livro que lhes ordena: “Não se limitem, porém, a ouvir a palavra; ponham-na em prática” (Tg 1.22), mas, ao que tudo

indicava, aquilo não gerava efeitos. Não que eu fosse perfeito ou esperasse que outros o fossem, mas eu imaginava nossa igreja como um grupo no qual as pessoas se incentivassem mutuamente à ação. Não fazia sentido ensinar as Escrituras sem experimentar mudança. Portanto, desde o começo, nós desafiávamos um ao outro a agir.

Basicamente, foi o que ocorreu. Se conseguíssemos avançar rumo a esses objetivos, eu ficaria feliz.

Quem dera você pudesse ver o modo como Deus trabalhou naqueles primeiros dias! As coisas deslancharam! Não havia perfeição, mas, sim, muita paixão. Os visitantes achavam nossos cultos envolventes, e assim crescíamos. Alugamos o espaço da cantina de um colégio local e depois nos transferimos para um lugar onde antes funcionara uma loja de licores, próximo a uma unidade da rede de alimentação e entretenimento Chuck E. Cheese's. Quando já não cabíamos mais ali, mudamos para um edifício próprio. Não muito tempo depois, esse edifício teve de ser consideravelmente ampliado. O Senhor estava movendo corações, a quantidade de gente que se reunia para cantar e ouvir a Palavra de Deus continuava crescendo, e tivemos de incluir novos cultos em nossa programação. Chegamos a dois cultos nas noites de sábado e três cultos matinais aos domingos e, então, percebemos a necessidade de plantar congregações em cidades vizinhas. Era inacreditável. Nosso serviço de *podcast* ganhava diariamente inscritos do mundo todo, derramávamos nosso coração à medida que cantávamos a Deus, e fazíamos tudo isso com grande convicção.

Nossos cultos eram cheios de vivacidade. As pessoas vibravam quando eu lhes contava que suas ofertas em dinheiro ajudavam gente carente em países subdesenvolvidos. Muitos casais adotaram crianças que até então não haviam conseguido

atendimento em abrigos. A frequência às nossas reuniões e o valor das ofertas aumentaram consistentemente por anos a fio. Todo fim de semana tínhamos batismos, e muitas vidas eram transformadas. Não havia nenhuma outra igreja da qual eu gostaria de fazer parte. Contudo, mesmo depois de tanto tempo, não consegui me desvencilhar daquela sensação de que faltava algo. Não tinha nada a ver com os membros da igreja, nem com a equipe que Deus havia provido para me ajudar na liderança. Éramos bem-sucedidos em nos mantermos fiéis aos objetivos que fundamentaram o DNA da igreja. Mas havia algo fora do lugar.

Em determinado momento, alguns presbíteros começaram a cogitar que nosso conceito de sucesso talvez estivesse inadequado. Era aquilo mesmo que a igreja deveria ser? Era aquilo que Deus tinha em mente quando a estabeleceu? Começamos a questionar se nossa definição de igreja coincidia com a de Deus. O presbitério da Cornerstone examinou as Escrituras comigo e me desafiou a refletir sobre o que Jesus queria da igreja. Aqueles homens de Deus me encorajaram e me instigaram durante aquele período, e foi com muita alegria que servi junto deles.

Um dos principais pontos que questionamos foi o grau de amor que tínhamos uns pelos outros. Cornerstone era, em muitos sentidos, uma igreja bastante amorosa. Mas, comparada ao exemplo da igreja primitiva descrita no Novo Testamento, certamente deixava a desejar. Jesus disse que o mundo nos conheceria pelo amor que expressamos (Jo 13.35). Como presbíteros, chegamos à dura conclusão de que, ao nos visitar em um de nossos cultos, os descrentes não viam nada de sobrenatural no modo como amávamos uns aos outros.

Outro aspecto que observamos foi que tudo havia crescido de maneira muito atrelada a uma única pessoa. Mesmo quando

falávamos sobre a construção de um novo espaço e as consequentes despesas, os presbíteros se perguntavam o que aconteceria caso eu não fosse mais o pastor. E se a Cornerstone se tornasse mais uma daquelas igrejas fadadas a ocupar um templo grande e vazio? Repito: isso era um grande problema! Não apenas por causa do gasto, mas porque nenhuma igreja deveria depender de alguém. Queríamos que as pessoas viessem à Cornerstone para experimentar o agir do Deus todo-poderoso e o mover do Espírito Santo — não para ouvir Francis Chan.

Em razão de minha liderança se mostrar tão proeminente na igreja, comecei a ver que isso impedia o desenvolvimento de outros que também deveriam ter essa função. Quando passei a incentivar e a liberar membros da minha equipe e presbíteros para que se envolvessem em novos ministérios, vi que eles cresceram muito com a oportunidade de pastorear.

A Bíblia nos diz que todo membro do corpo tem um dom necessário ao funcionamento da igreja. Quando olhei para o que acontecia em Cornerstone, notei que poucos contribuía com seus dons, enquanto milhares de outros apenas vinham, permaneciam uma hora e meia sentados no templo e iam embora. A forma como havíamos organizado a igreja dificultava o desenvolvimento daquelas pessoas, e todo o corpo se enfraquecia por causa disso.

Era vergonhoso ter de abordar ordens bíblicas que nós mesmos negligenciávamos. Decidimos mudar aquele cenário. Na época, eu não tinha ideia de quão difícil seria fazer isso. Sentia-me frustrado com o andar das coisas, mas me faltava clareza sobre onde precisávamos chegar. Eu estava certo de que a mudança era necessária, mas não sabia como concretizá-la. Alguns de meus sermões naquele período devem ter soado mais como rompantes de um velhote raivoso do que

como palavras de um pastor sábio e amável que conduz seu rebanho por pastos verdejantes.

Testamos várias abordagens. Tentamos diminuir a frequência das minhas preleções para possibilitar que alguns pastores associados assumissem maior responsabilidade, mas acabamos descobrindo que era difícil para eles liderar sob a minha “sombra”, por assim dizer. Buscamos encorajar pessoas a formar pequenas congregações domésticas, mas elas haviam se acostumado com as vantagens de ter um grupo cuidando das crianças e alguém responsável pela pregação em grandes cultos. Por fim, desistiram das reuniões em casa. Houve até mesmo um período em que me afastei da congregação-sede em Simi Valley e ajudei a formar diversos grupos domésticos na região de Los Angeles. A iniciativa ganhou força, mas o pessoal em Simi precisou de mim. Foi uma temporada bastante penosa. Atribuo aos irmãos da igreja todo crédito por suportarem tamanha provação e tantos equívocos. No fim das contas, as pessoas começaram a se sentir desanimadas e decepcionadas, e um pequeno êxodo teve início.

### **Mudando as regras**

Um jovem da igreja descreveu muito bem a situação. Segundo ele, a impressão era de que as regras tinham mudado de uma hora para outra. O rapaz explicou que durante muito tempo lhe haviam ensinado que a salvação era um dom gratuito e que o evangelho garantia um relacionamento pessoal com Jesus. Era como se alguém lhe tivesse presenteado com um par de patins de gelo. Exultante, o moço foi até a pista de patinação e aprendeu todo tipo de manobra. Ele curtiu a experiência e a repetiu durante anos. Agora, de repente, vinha alguém

dizendo que, na verdade, os patins lhe foram entregues para que ele compusesse nosso time de hóquei sobre gelo e batalhasse conosco pela conquista de um campeonato. A intenção não era que ele desse piruetas em torno de si. Que diferença! Como não havia respaldo bíblico que lhe permitisse discordar, foi apenas uma questão de tempo para que o moço realinhasse seus pensamentos e seu estilo de vida.

Em retrospectiva, vejo que não fui um bom líder. Eu ansiava por transformação, mas não tinha um bom plano para isso. Também não tinha paciência para ajudar a congregação a lidar com tamanha mudança de paradigma. Acabei frustrando algumas pessoas que me eram preciosas. Quando deixei Cornerstone, eu o fiz com a genuína certeza de que meu tempo ali havia terminado e que a igreja poderia avançar melhor sem mim.

Houve muitos outros fatores também. Ao ser questionado por que saí, sinto real dificuldade para indicar um único motivo. Eu vinha perdendo a paz e a humildade à medida que minha popularidade como preletor e autor crescia.

As redes sociais tinham sido inventadas pouco tempo antes disso, possibilitando que indivíduos que me eram totalmente desconhecidos me elogiassem ou acabassem comigo. Eu não sabia lidar com tantas críticas e bajulações. Minha vontade era correr daquilo tudo. Também me debati ao ver que em nossa cidade era crescente o número de igrejas bíblicamente fundamentadas, enquanto muitos outros lugares do planeta careciam de um firme testemunho cristão. Não parecia necessário ter muita fé para seguir fazendo o que eu fazia, e eu queria viver por fé. Além disso, era bem obscura para mim a ideia de como lideraria Cornerstone no futuro. Não é preciso dizer que foi um período um tanto quanto perturbador.

Sem dúvida, deixar Cornerstone não foi uma decisão fácil. Enquanto eu ainda lutava me perguntando se aquilo era o melhor a ser feito, fui pregar em um evento. Lisa me acompanhou e, no caminho, tivemos uma conversa que me impactou. Naquela época, meu dilema sobre a permanência em Simi Valley era uma questão completamente pessoal. Nunca havíamos conversado sobre o assunto. Cornerstone era nosso bebê, e Simi Valley, nosso lar. Porém, quando finalmente indaguei Lisa acerca do que ela nos imaginava fazendo pelo resto da vida, ela me surpreendeu dizendo que nossa missão em Simi Valley estava concluída e que era hora de mudar. Ela chegou a propor que fôssemos para outro país, algo que coincidia perfeitamente com o que eu vinha cogitando.

Quinze minutos depois, recebi um telefonema de meu amigo, Jeff, membro da Cornerstone. Ele relatou que sentia como se Deus o instrísse a me dizer: “Apenas vá. Não se preocupe com a igreja. Há outras pessoas para cuidar dela”. Aquilo me soou espantoso! Não havia nenhuma possibilidade de Jeff saber o que Lisa e eu tínhamos acabado de conversar. Ninguém sabia o que se passava em minha mente.

Depois disso, as coisas começaram a se encaixar, e eu passei a sentir paz cada vez maior quanto à decisão de partir. Lisa e eu chegamos a sentir que ficar seria um ato de desobediência. Acabamos vendendo nossa casa em Simi Valley e seguindo com toda a família para uma temporada na Índia, na Tailândia e na China. Foi uma aventura incrível que nos tornou mais unidos e nos ajudou a ajustar o foco de nossa missão. Vi enorme destemor e grande ousadia nos pastores indianos, que tinham renunciado tudo pelo Senhor. Testemunhamos a simplicidade da vida rural na Tailândia e a alegria de homens e mulheres que dia após dia se dedicavam a órfãos

e viúvas. Na China, vi o evangelho se espalhar como fogo à medida que irmãos suportavam perseguição e até mesmo se alegravam nela.

Durante todo esse tempo, Lisa e eu oramos em família acerca do destino ao qual Deus nos levaria. Por pouco não ficamos em Hong Kong, onde chegamos a visitar alguns imóveis residenciais e também escolas para as crianças. Então, um dia, de fato senti como se o Senhor estivesse falando comigo.

Por favor, entenda que não digo isso de maneira leviana. Minha formação é extremamente conservadora. Creio apenas naquilo que vejo registrado na Bíblia. Se minha teologia dá algum espaço para que eu ouça diretamente a voz de Deus, acho que nunca a ouvi antes daquele dia. Repito: não estou certo de ter ouvido o Senhor falar comigo, mas senti maior paz obedecendo àquilo que penso ter escutado do que ignorando. Realmente acredito que Deus estava me dizendo que voltasse para os Estados Unidos e plantasse igrejas. Enquanto estive fora, tive a oportunidade de vislumbrar o que a igreja poderia ser e quanto vigor ela poderia ter. Era como se Deus tivesse a intenção de que eu voltasse com essa nova perspectiva. Fiquei assombrado com o que ele parecia me dizer, perdendo que eu realizasse algo para o qual eu não tinha nenhum preparo nem habilidade.

Houve muita tristeza quando eu disse a Lisa e às crianças que sentia que Deus desejava que eu retornasse para os Estados Unidos. Estávamos tão felizes do outro lado do oceano! Éramos uma família mais unida, mais dependente de Deus e mais apegada às coisas eternas. O medo que experimentamos quando deixamos os Estados Unidos não era nada comparável ao medo de voltar para lá. Não queríamos perder o foco.

## A viagem para casa

Em resumo, acabamos seguindo para San Francisco, sobretudo porque meu irmão tinha ali um apartamento de um dormitório onde poderíamos ficar. Eu não tinha plano nenhum. Só queria viver do modo mais coerente possível com o que entendia do texto bíblico. Em minhas orações, eu dizia ao Senhor que desejava viver como Cristo, e me parecia que Jesus sabia exatamente quem chamar para ser seu discípulo. Pedi pelo mesmo favor: que eu fosse capaz de tão somente andar pela cidade compartilhando o evangelho, talvez encontrando pessoas que o próprio Deus me desse como discípulos.

Fiz alguns amigos no primeiro ano, e começamos um ministério em que atendíamos aos pobres de Tenderloin, distrito de San Francisco. Alimentamos os desabrigados e saímos de porta em porta orando por gente que vivia em condições precárias. Embora, às vezes, fosse aterrorizante, eu amava o fato de estar vivendo por fé em solo norte-americano. Eu me vi em muitas situações nada confortáveis, mas parecia o certo a fazer. Ainda que, no fim das contas, as conversões genuínas não fossem tantas, eu testemunhava respostas poderosas de Deus às orações.

Lembro-me de ter perguntado aos meus filhos como se sentiram depois de uma das primeiras vezes em que saímos para evangelizar aquela região. Rachel, minha filha mais velha, respondeu sem hesitar: “Parece que acabamos de viver uma história bíblica”. Eu compreendia o que ela queria dizer. Estávamos experimentando bem ali, nos Estados Unidos, algo compatível com o que líamos no Novo Testamento! Nós nos sentíamos vivos, em uma aventura que demandava fé, e tudo aquilo estava acontecendo praticamente no nosso quintal.

Embora as saídas evangelísticas diárias se mostrassem exitosas e apreciássemos a oportunidade de viver por fé, não havíamos plantado nenhuma igreja naquele período. Notei algumas deficiências em nosso ministério, motivadas pela falta de suporte de uma igreja forte, com presbíteros capacitados. Sabendo que esse era o meu chamado, reunimos alguns de nossos novos amigos em casa e começamos uma igreja. Vinte anos depois de formar Cornerstone em uma sala de estar, ali estávamos nós mais uma vez: minha incrível esposa e um grupo de amigos, sentados em uma sala, pedindo a Deus que nos usasse para edificar sua igreja.

Já se vão cinco anos desde que iniciamos a We Are Church [Nós Somos a Igreja], e as coisas têm sido bem diferentes desta vez. Lisa e eu temos crescido no entendimento das Escrituras e das intenções de Deus para a igreja. Em sua graça, o Senhor me mostrou os bons frutos dos tempos de Cornerstone, bem como alguns dos erros elementares que cometi ali. Espero poder ajudar outros irmãos a evitar as armadilhas em que caí.

Escrevo este texto em meio a uma das temporadas mais felizes e pacíficas que já vivi. Não que a vida seja fácil, pois não é. A paz vem de conhecer a Deus como nunca antes. Sei que realmente amei Jesus durante todo o tempo, mas o que vivencio agora é totalmente novo. Tenho me sentido obstinado por conhecê-lo e experimentar mais dele. O mais curioso é que minha intimidade com Deus está diretamente atrelada ao meu vínculo com a igreja. Isso é muito estranho para mim, pois, durante anos, era justamente me distanciando das pessoas, buscando ficar sozinho em minha sala de oração, que eu me sentia próximo dele. Pela primeira vez na vida, eu me sinto verdadeiramente perto de Deus enquanto oro com a minha igreja! É como se eu pudesse tocar a presença divina entre nós.